

GRUPO NÓS DO TEATRO

compartilhar saberes e fazeres, promover intercâmbio de conhecimentos

Katia Macabu de Souza Soares (IFF)¹

3

O registro do trabalho realizado com o Grupo Nós do Teatro no IF-Fluminense – Campus Campos - Centro, no período de 1995 a 2014, demonstra a longevidade de uma ação cultural e artística dentro de uma instituição de essência tecnológica. As transformações pelas quais passou a instituição nesse período - de ETF Campos para CEFET Campos e, mais recentemente, para IF-Fluminense – CC e sua interferência no modo de fazer-saber-fazer teatro serão analisados, bem como o nível de envolvimento de estudantes e servidores da instituição. A relação do Grupo Nós do Teatro com as ações de Extensão proporcionaram o compartilhamento de saberes e fazeres com os envolvidos e o intercâmbio de conhecimentos. Partindo deles, pretende-se evidenciar a importância fundante do teatro como uma área de conhecimento, refutando-se a visão de ser o teatro – a Arte - mero instrumento de educação ou apêndice das atividades desenvolvidas na escola.

Teatro; Educação; Arte; Cultura; Conhecimento.

NÓS DO TEATRO GROUP: to share knowledge and practice, exchanging expertise

The record of the work done with the "Nós do Teatro" group at Instituto Federal Fluminense - Campus Campos-Centro, from 1995 to 2014, demonstrates the longevity of a cultural and artistic action inside an institution whose essence is a technological one. The transformation this institution has undergone during that period - from Escola Técnica Federal to Centro Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Campos and, more recently, to Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Fluminense - CCC, and its interference in the way of "making- to know- how to make" Drama will be analysed, as well as, the level of involvement of students and workers. The relation between the "Nós do Teatro" group and the Extension made it possible to share knowledge and practice, exchanging expertise with all the people involved in the process. Taking all this information into consideration, this work aims at highlighting the importance of Drama as an area of knowledge, refuting the point of view that Drama - the art - is merely an instrument for education or an extra school activity.

Drama; Education; Art; Culture; Expertise.

LOCUS DE ATUAÇÃO

Falar sobre a criação de um grupo de teatro no contexto de uma instituição de ensino tecnológico pode gerar um estranhamento à primeira vista, no entanto, pretendo relatar um dos inúmeros projetos desenvolvidos neste *locus* em que observo a relação da aridez dos temas tecnológicos e técnicos com o despertar da sensibilidade humana por meio da arte teatral.

Cabe identificar este *locus* de onde se fala. Ao longo de sua história², o IF-Fluminense passou por alterações não só no que se refere a sua denominação, como também, gradualmente, foram redimensionados sua filosofia, seus objetivos, seu perfil e sua própria organização e escopo de atuação institucional. Historicamente criada como Escola de Aprendizes e Artífices em 1909, com o propósito de educar e proporcionar oportunidades de trabalho para os jovens das classes menos favorecidas, ofereceu cinco cursos: Alfaiataria, Marcenaria,

Tornearia, Sapataria e Eletricidade, sob a determinação do então presidente da República, Nilo Peçanha, filho de Campos dos Goytacazes/RJ. Em meados da década de 60, novos cursos são criados na Escola Técnica Federal de Campos: Edificações, Eletrotécnica e Mecânica de Máquinas e, a partir dos anos 70 oferece também o curso técnico de Química, voltado para a indústria açucareira, uma das bases da economia da cidade naquela época. No ano de 1974, a Petrobras anuncia a descoberta de campos de petróleo no litoral norte do estado, onde está situada a cidade de Campos dos Goytacazes. Esta notícia mudaria os rumos da região e influenciaria diretamente na história da instituição. A escola passa a ser a principal formadora de mão de obra para as empresas que operam na bacia de Campos. No final da década de 90, é transformada em Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos – CEFET Campos, e em 1999, começa a oferecer cursos em nível superior de ensino. Em outubro de 2004, o CEFET Campos passou a ser Centro Universitário e, além do Ensino

Médio e Técnico, oferece cursos superiores de Tecnologia em Automação, Manutenção Industrial, Indústria do Petróleo e Gás, Desenvolvimento de Software e Design Gráfico; as licenciaturas em Geografia, Matemática e Ciências da Natureza nas modalidades: Química, Física e Biologia e o bacharelado em Arquitetura. As pós-graduações lato sensu: Educação Ambiental, Produção de Sistemas e Literatura, Memória Cultural e Sociedade e o *stricto sensu* em Engenharia de Meio Ambiente, entre outros em elaboração.

O IF-Fluminense constitui um dos trinta e oito Institutos decorrentes de uma política pública de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e é integrado por *campi* distribuídos em mesorregiões. Cada mesorregião constitui uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais, criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³, utilizada para fins estatísticos, no entanto não constitui uma entidade política ou administrativa. Fazem parte da mesorregião do Norte Fluminense os *campi* Campos-Centro, Campos-Guarus, Macaé, Quissamã, a Unidade de Ensino e Pesquisa de São João da Barra, a Unidade de Pesquisa e Extensão Agroambiental de Rio Paraíba do Sul e o campus de Educação a Distância (EAD) em Campos dos Goytacazes. Estes *campi* vislumbram investimentos educacionais que priorizam o desenvolvimento e a produção do Norte Fluminense, diante das exigências do mundo de trabalho e valorização das comunidades em que está inserido.

Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional⁴ – PDI, o IF Fluminense apresenta sua missão de formar e qualificar profissionais no âmbito da educação tecnológica nos diferentes níveis e modalidades de ensino para os diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; bem como de realizar pesquisa aplicada e promover o desenvolvimento científico e tecnológico de novos processos, produtos e serviços, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade em geral, especialmente de abrangência local e regional, oferecendo mecanismos para a educação continuada e criando soluções técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com inclusão social. Visa à integração sistêmica dos diversos *campi* pautada em uma estrutura multi *campi* e pluricurricular sem, contudo, abdicar-se do princípio de uma única e singular instituição.

Os princípios que norteiam as práticas acadêmicas dos *campi* do IF Fluminense presentes em seu PDI apontam para o posicionamento de que educar é um ato político e que nenhuma ação pode estar caracterizada pela neutralidade; de que é seu papel promover a integração com a comunidade, contribuindo para inclusão social, com o

desenvolvimento local e regional; o reconhecimento de que o processo da educação pode concorrer de forma significativa para a transformação social; o entendimento da necessidade de superação do caráter compartimentado e dicotômico existente no processo educativo que separa homem/cidadão, teoria/prática, ciência/tecnologia e saber/fazer; a adoção do trabalho como princípio educativo norteando as ações acadêmicas; a percepção de que é imprescindível um trabalho educativo em que haja a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, respeitando o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas e a busca da superação das contradições existentes; a conscientização de que a pesquisa é cada vez mais inerente ao processo de construção do conhecimento e que seus resultados devem retornar à sociedade contribuindo para sua transformação; o reconhecimento do saber tácito do aluno e da contribuição que suas experiências podem trazer para o processo de construção e de produção do conhecimento; a constatação de que as novas tecnologias da informação constituem ferramentas de democratização do conhecimento; a preocupação com a valorização do profissional da educação; a atuação dos profissionais nos diversos cursos, de diferentes níveis educacionais, possibilitando uma integração entre as propostas pedagógicas de cursos; a participação em Projetos Internacionais que integrem o planejamento educacional da instituição contribuindo para o enriquecimento social, econômico e cultural; a busca do estabelecimento de parcerias públicas para fomento às atividades de ensino, de pesquisa e de extensão.

Ao buscar o alcance dos princípios definidos, se apoia em uma agenda de prioridades com seus principais fundamentos: o ensino nos diversos níveis e modalidades, em especial, da educação profissional e tecnológica, considerando a realidade local e regional; a implementação de pesquisa e extensão articuladas ao desenvolvimento e à sustentabilidade da região de sua abrangência; o fortalecimento das relações internacionais; o compromisso com a verticalização do ensino; o compartilhamento dos recursos materiais e de infraestrutura; a democratização do acesso e da permanência para a promoção da inclusão social e a valorização da força de trabalho docente e técnico-administrativa.

Deste modo, o IF Fluminense oportuniza, por meio de percursos formativos diversos, a convivência com a diversidade sociocultural e a pluralidade no campo das ideias e concepções pedagógicas que norteiam os seus diferentes currículos.

A partir do ato legal da criação do IF Fluminense em 2008, a então sede do Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia torna-se um dos *campi* do IF Fluminense e passa a ser denominado IF Fluminense campus Campos-Centro. Neste cenário surge, então, um novo começo para a

história dessa centenária instituição de educação profissional técnica e tecnológica, localizada no Estado do Rio de Janeiro, no município de Campos dos Goytacazes.

Conta com um quantitativo em torno de 5000 (cinco mil) alunos, sendo aproximadamente 2000 (dois mil) alunos do Ensino Superior, conforme dados fornecidos pelo Registro Acadêmico e 569 (quinhentos e sessenta e nove) servidores, de acordo com as informações da Assessoria de Gestão de Pessoas do referido campus, espaço onde se desenvolvem as atividades com o Grupo Nós do Teatro desde 1995.

Em atendimento ao princípio da verticalização do ensino, somente neste campus atende-se a diferentes níveis e modalidades que vão desde o Ensino Médio Integrado ao Ensino Superior - Graduação Tecnológica; Licenciatura; Bacharelado e Pós-Graduação lato e *stricto sensu* - passando por Cursos Técnicos Concomitantes e Subsequentes; Educação de Jovens e Adultos - EJA; Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA); Educação a Distância (EAD). E, com o compromisso de acolher os arranjos produtivos da meso e macrorregião onde o campus se encontra, os cursos oferecidos contemplam os eixos tecnológicos de Controle e Processos Industriais; de Informação e Comunicação; de Infraestrutura; de Ambiente, Saúde e Segurança; de Produção Cultural e Design; de Turismo, Hospitalidade e Lazer; Ciências Humanas e Sociais. Para o ano de 2015, está prevista a implantação dos Cursos Superiores de Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Teatro, Bacharelado em Engenharia Elétrica e Bacharelado em Engenharia de Computação.

Cabe agora falar sobre Campos dos Goytacazes, o município que abriga em sua área central este campus. Sua dimensão territorial é de 4026,696 km², segundo dados do IBGE/2013⁵, é o maior município do interior do Estado do Rio de Janeiro, onde se encontra localizada a principal bacia de extração de petróleo, que representa aproximadamente 84% da produção nacional. Sua população foi estimada em 477.208 habitantes (IBGE 2013), apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de aproximadamente 0,716, figurando o 37º lugar no ranking do Estado, que tem 92 municípios.

O município é rico em manifestações culturais, desde os tradicionais grupos folclóricos de jongo à Cavalhada de Santo Amaro, e existe uma infinidade de artesãos espalhados pelo município, porém sem que exista uma articulação de saberes, troca de experiências ou mesmo trabalhos coletivos. Percebe-se, empiricamente, a ausência de cooperativismo e de integração destas ações culturais. Músicos, bandas de fanfarras, artistas plásticos, atores e grupos teatrais circulam no universo cultural campista e o fazem há muito

tempo. Carnaval fora de época, shows musicais, bienais do livro marcam o calendário oficial da cidade, mas o envolvimento com o saber artístico local, nestes eventos, é bastante reduzido. Algumas vezes, ocorre de a participação artística ser direcionada para grupos restritos à convivência direta ou indireta com os gestores públicos. Isto acaba por caracterizar as ações de políticas públicas como de governos, em detrimento de políticas públicas de estado.

Considerada a segunda maior cidade em arquitetura eclética do Estado do Rio de Janeiro, o município vem perdendo esse título a cada novo desabamento ou demolição de seus prédios históricos, que acabam por dar lugar ou a mais um novo estacionamento na cidade ou a mais um prédio de apartamentos. Casas de cultura, museus, teatros e centros culturais não se articulam entre si para oferecer uma programação roteirizada e pronta a ser oferecida a quem mora ou mesmo para quem esteja visitando a cidade. Enquanto municípios circunvizinhos de menor porte prescindam de equipamentos culturais, em Campos dos Goytacazes esses equipamentos estão presentes, porém verifica-se a ausência de planejamento de políticas públicas de cultura e de competência para a gestão cultural capazes de fazer com que esses equipamentos cumpram com seu papel sociocultural.

O TEATRO COMO FERRAMENTA DA CAIXA DE BRINQUEDOS

Defende-se aqui que o teatro brasileiro só apresentará um nível profissional elevado na medida em que houver um público culturalmente maduro para o assistir e o sustentar e que a formação desse público far-se-á a partir de uma experiência educacional integradora que inclua a aprendizagem da relação arte/vida.

Elaborar este artigo com o relato de minha realidade vivenciada com o teatro fez com que eu realizasse uma busca em memórias da vida profissional e acadêmica que tenho como professora, diretora teatral, pesquisadora, agente e gestora cultural. Reconheci diante dessas lembranças que as práticas docentes vivenciadas por mim foram campo de análise de alguns teóricos e isso me auxilia na compreensão desta caminhada à procura da maneira adequada de encantar aqueles que, de alguma forma, também buscaram incessantemente proporcionar encontros significativos da Educação com a Arte, a Cultura e mais especificamente, com o Teatro.

Aprendi, em minha formação acadêmica inicial - do ensino fundamental ao curso de Formação de Professores, que estudar era um acontecimento sério e que é na escola que se devem suprir os estudantes de todas as necessidades da caixa de ferramentas de que ele possivelmente necessitará por sua vida afora. Explica Rubem Alves

(2005, p.11) que nesta caixa se pode encontrar “objetos (que com o tempo podem ficar obsoletos); habilidades (como a de construir realidades virtuais) e, ainda, por meio da educação, a ‘arte de construir ferramentas novas’ aprendendo a saber pensar.”

O começo de minha prática docente no encontro com a realidade de trinta e duas crianças ávidas pelo saber ocorreu na turma de alfabetização, desafio inicial da minha carreira, ensinando as primeiras letras e os primeiros conhecimentos científicos. Eles, com certeza, muito me ensinaram sobre a suposta vocação para o exercício do magistério e sobre os desafios reais que esta profissão apresenta diariamente.

Naquela turma de estreia de meu fazer docente, ficou claro para mim que a verdadeira educação não deve apenas ensinar a conhecer e a utilizar as ferramentas já existentes da referida caixa de ferramentas, mas deve também ensinar a arte de pensar - chave para as ferramentas ainda inexistentes. Indagava-me, constantemente, se o conteúdo que ensinava e supostamente era aprendido seria ou não utilizado pelo educando no futuro; de que serviria a ferramenta ensinada e em que tal conhecimento poderia melhorar a vida daqueles discentes. Tais questionamentos surgiam porque ainda não havia me dado conta da existência do que Rubem Alves (2005, p.11) chama de “caixa de brinquedos”, aquela das “coisas inúteis” que, no entanto, fazem os indivíduos serem mais felizes.

Enquanto trabalhava com outros estudantes, adolescentes e jovens, concluí a Licenciatura em Letras, e foi lecionando em diversos níveis de ensino que comecei a buscar os melhores caminhos para a concretização do processo ensino/aprendizagem na minha prática docente. Percebi que a arte poderia ser uma “ferramenta” metodológica, trabalhada de maneira lúdica e prazerosa, aplicada ao teatro como instrumento de educação, pois entendia, à época, que a Arte poderia ser um suporte eficaz para o conhecimento concreto da Literatura.

Experiências diversificadas e descobertas de como poderia utilizar o teatro como instrumento de educação ocorreram em trabalhos realizados na Escola Técnica Federal de Campos – ETFC; no Liceu de Humanidades – da rede estadual - e em escolas particulares do município. A elaboração do projeto - Literatura com prazer - para motivar os alunos de Ensino Médio integrado ao Técnico na ETFC e, a partir dele, a criação do Grupo Nós do Teatro - 1995, composto por uma parcela dos jovens que frequentavam minhas aulas de Língua Portuguesa e Literatura naquele ano, configura a iniciativa que exemplifica bem esta ação.

Desta forma, minha atuação profissional passou a utilizar conceitos educacionais associados ao fazer teatral, pois havia ocorrido a descoberta de que a paixão é que nos conduz e nos alimenta para o

que é considerado sério, importante e útil no processo ensino/aprendizagem.

À busca para realizar o exercício do magistério na concepção de Arte como conhecimento, e não apenas como instrumento, apoiou-se, a partir do ano 2000, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

[...] a Arte é considerada particularmente pelos aspectos estéticos e comunicacionais. [...] por meio da Arte manifestamos significados, sensibilidades, modos de criação e comunicação sobre o mundo da natureza e da cultura. (PCN, 1999).

Despertara para o uso da “caixa de brinquedos” (ALVES, 2005, p.11) nos projetos que reuniam a Literatura ao Teatro, a Radionovela e a Tecnologia, pois significava estar trabalhando, efetivamente, com conhecimentos adquiridos ao longo da prática docente. Deparei com um caminho menos árduo para utilizar novas ferramentas para a outra caixa, a considerada útil no jargão das escolas. Percebi que a dita caixa de ferramentas fica mais bem equipada quando a de brinquedos se faz presente. A metodologia desenvolvida desde então e ainda hoje suscita o exercício de novas descobertas.

Percebi que estava construindo o projeto com base na tese do ator/professor Sérgio Pessôa Nassar de que há um jogo de sedução na relação professor-aluno e está passando a ser fundamentação teórica de minha prática de sala de aula, por entender ser adequada a professores de qualquer modalidade de ensino, pois se trata do prazer em aprender e do prazer em ensinar. Verifiquei situações diferenciadas na relação professor-aluno, mantendo seu exercício pedagógico do saber/fazer pela paixão.

Nassar (1994) ouviu professores em sua pesquisa, que falaram a respeito de suas práticas em relação ao aluno; inferiu, a partir destes depoimentos, algumas variáveis importantes na relação professor-aluno, tais como a de que o professor seduz quando busca cativar e incentivar o aluno e que isso ocorre por meio de uma série de comportamentos do professor, sua simpatia, seu modo de falar, seus gestos, seu próprio interesse por seus alunos e pelo que está ensinando. Assim, o referido autor foi construindo sua hipótese de que todos os professores são verdadeiros atores e, para realizar essa constatação, destacou e comentou algumas declarações do autor. Começo com a afirmação de que “O professor é um ator, pois ele propõe um espetáculo no âmbito do conhecimento”. (NASSAR, 1994, p. 49). Os talentos são potencializados, a alegria e o prazer de estarem manifestando o que aprenderam (os discentes) e ensinaram (os docentes) e vice-versa são visíveis e contagiantes quando podemos elaborar situações de criação e participação coletiva. Uma segunda declaração: “O professor, assim como o ator, necessita de um feedback contínuo para aperfeiçoar

seu desempenho” (NASSAR, 1994, p. 48); considero bastante verdadeira essa afirmação, pois o docente sente sempre aquela inquietude do fazer melhor, do saber mais e a tal angústia do ter certeza se foram ou não alcançados os objetivos traçados, principalmente o de construir com os alunos o conhecimento que irá lhe servir para a vida, mas do que para uma prova, um concurso ou algo que o valha. A terceira declaração a se destacar é a de que “Tanto o professor quanto o ator necessitam de uma versatilidade muito grande de comportamento” (NASSAR, 1994, p.49) e que também considero verídica, afinal o educador que não inova, não estuda, não se incomoda com sua expressão corporal, sua voz, dificilmente conquista o educando para sua aula. Outra afirmação destacada por Nassar (1994, p.49) é a de que “O bom professor é um grande ator que deve adorar um palco e satisfazer a plateia”, com ela reflito que às vezes se depara com professores que teimam em acelerar com determinados ensinamentos, crendo que estão fazendo um bem para o estudante, mas, de fato, se ele respeitar todas as suas fases, as chances de torná-lo mais feliz, mais participante e com uma aprendizagem mais prazerosa é muito maior, do mesmo modo que o ator deve estar no palco em sintonia com a plateia para tornar seu ofício mais agradável para si mesmo e para seu público.

O GRUPO NÓS DO TEATRO: trilhando sua história

Parti, desde o início, da premissa de que o teatro se faz com várias personagens e muitas histórias e que os estudantes/atores do Grupo Nós do Teatro teriam a oportunidade de se envolverem na magia de interpretar as histórias movimentando o imaginário de cada um.

Criação e estruturação do grupo

O Grupo foi criado em 1995 com o intuito de despertar no discente um interesse maior pela aprendizagem da Literatura, por meio de técnicas e jogos teatrais; construção de cenas e elaboração de pequenos textos, tendo como base a pesquisa de obras de autores brasileiros e estrangeiros da preferência dos estudantes. Entendia que, deste modo, possibilitaria ao educando um aprendizado de encantamento para com os conhecimentos provenientes de textos literários. A estruturação inicial se deu a partir de projetos que fui elaborando, sem qualquer vínculo com a Extensão, apenas com aplicação no Ensino como uma atividade extracurricular: o Teatro na Escola e, posteriormente, o Literatura com Prazer, que geraram mais adiante o Programa Nós do Teatro.

A gente fez alguns projetos com textos dos próprios alunos e alguns textos de autores já conhecidos. O público que a gente busca muito é o das escolas, porque plateia é muito difícil de a gente

ter uma que saiba assistir, ser espectador de teatro. (relato de Liana Macabu, integrante do Grupo desde sua criação)

Desde a primeira montagem, buscou-se desenvolver a partir da Linguagem Teatral a consciência social e cidadã dos estudantes, propiciando o estímulo permanente da expressão e da relação interpessoal. Assim, o alcance do objetivo inicial foi dando espaço, gradativamente, a um, muito maior, que era o de trabalhar o Teatro como um campo do conhecimento humano e que, devidamente experimentado, pode alcançar o objetivo de ampliar o cabedal de conhecimento literário dos estudantes, como meta primeira, mas que também passou a sensibilizar estes discentes para o desenvolvimento artístico. Destaco o grande prazer sentido por mim, propositora dos projetos, assim como dos estudantes, na realização desta atividade artístico-cultural como complemento dos estudos realizados em sala de aula. Foram três anos de atividade extracurricular e montagens de inúmeros textos pesquisados, adaptados e/ou escritos e levados ao palco para diversas plateias, especialmente de discentes, docentes e servidores administrativos da própria escola, embora tenha havido apresentações externas também.

Assim se formou o Grupo Nós do Teatro composto por trinta e dois estudantes dos cursos Técnico integrados ao Ensino Médio, que se reuniam em horário extra, para participar de cursos e debates de embasamento teórico; ler textos de autores e de épocas distintas visando à montagem de alguns deles; para selecionar textos que pudessem ser encenados, atendendo às diferentes formas do gênero dramático; para montar sonoplastia, cenário, iluminação e figurino das cenas curtas e das peças, contando com o apoio de outros professores das áreas técnicas; para participar de oficinas de desinibição, relaxamento, dicção, impostação de voz e jogos teatrais elaboradas por mim; para apresentar esquetes nos setores da ainda Escola Técnica, assim como no evento anual da instituição, Semana do Saber/Fazer/Saber, e em festivais e mostras realizados no município de Campos dos Goytacazes e região Norte Fluminense.

A primeira montagem do Grupo foi uma adaptação do texto narrativo - Eu Gosto Tanto de Você - da autora Leila Rentroia Ianone, adaptado para o teatro pela professora-pesquisadora-diretora. O tema foi o menor de rua ou da rua, objeto de trabalho em sala de aula através da análise de textos de Marina Colassanti e de Roberto Freire e de palestras e debates promovidos com representantes do governo municipal e da sociedade civil organizada que lidavam com crianças abandonadas em nosso município. A elaboração da peça surge, então, com uma proposta séria, reflexiva, porém otimista, de que um dia a questão do menor que se encontra abandonado a sua própria sorte não mais seja da forma como foi representada. Este trabalho envolveu intensamente

os estudantes que se propuseram a tentar sensibilizar a comunidade interna, bem como toda a comunidade, para esta questão. Cheguei a fazer contato com a autora que nos enviou uma mensagem de apoio e agradecimento pela encenação de seu texto.

O trabalho de 1996 quis garantir o espaço conquistado no ano anterior e desenvolver cada vez mais o gosto pela Arte Teatral no corpo discente, nos docentes e demais servidores. Seguiu-se com uma empolgação dos componentes do grupo e a montagem da peça - Noite Feliz?!? -, escrita por Lucas Sales, Raphael Noronha e Victor Hugo Berenger, componentes do Grupo à época. Sintetizando o enredo da peça, os personagens formavam uma família de classe média que está se preparando para os festejos da noite de Natal e, no decorrer do dia 24 de dezembro, chegam à casa de Sílvia e Geraldo os mais diferentes parentes, convidados e penetras. Toda trama parte da premissa de que o casal citado vive uma crise na convivência de muitos anos de casamento e que a família de Geraldo, principalmente a mãe dele, D. Gioconda, tem um relacionamento de conflito com a nora e vice-versa. Os filhos do casal demonstram atitudes alienadas àquele processo de desarmonia familiar, condizentes com a realidade dos adolescentes da época real da peça. A personagem que representa uma vizinha fofoqueira se envolve nos preparativos da festa como se fizesse parte da família; a irmã, o genro e o sobrinho de Sílvia chegam de viagem da Europa plenamente identificados com a sociedade emergente, e a grande chave da trama, a empregada da família é o estereótipo de várias domésticas também reconhecidas na sociedade burguesa. O texto é uma comédia e contou com todo o grupo no elenco e na equipe técnica para a montagem total da peça, tanto no auditório da Escola quanto no Teatro de Bolso, o teatro do município que homenageia o ator Procópio Ferreira. No mesmo ano, foi montada a peça infantil - Charalina -, um texto de Nelson Albissu, adaptado para o teatro pelo estudante Alex Topini, integrante do Grupo, e que foi muito especial na medida em que levou para crianças e adultos a reflexão sobre a velhice, partindo de um texto forte, alegre e poético, enriquecido com melodias conhecidas e letras parodiadas pelos integrantes do grupo. Foi de fato outro momento de encontro com problemas vivenciados pela sociedade de todo mundo.

Em 1997, realizou-se um esforço maior na tentativa de uma montagem de um texto consagrado no Brasil e no exterior, com mais de 15 mil apresentações, - Deus Ihe Pague! -, de Joraci Camargo, escrita em 1932, questiona os conflitos do ser humano com seus próprios sentimentos e visão de mundo como o amor, a felicidade, o egoísmo, a miséria, a fé, a religiosidade, a falsidade, o perdão, a mentira e a verdade, a riqueza e a pobreza, o exterior e o interior. Texto mais denso e mais

reflexivo que os anteriores, obra exemplar da dramaturgia brasileira e, para a realização desta peça, decidi dividi-la em duas partes, seis cenas foram filmadas em área externa, diante de uma escadaria de um prédio histórico da cidade - o Asilo do Carmo - para serem apresentadas no telão, e três cenas dramatizadas no palco que, durante à encenação, foram sendo intercaladas por aquelas filmadas e devidamente editadas. Foi um trabalho bem mais complexo, que envolveu servidores de outros setores com habilidade de filmagem e edição de imagens. Este trabalho buscou unir as linguagens da Dramaturgia Literária e do Cinema em uma montagem teatral. Apresentamos esta montagem durante a Semana do Saber/Fazer/Saber e para os professores participantes do 1º ENTEMPO - Encontro de professores de Letras, Matemática e Informática. Enquanto trabalhávamos este espetáculo, fiz com os demais componentes do Grupo a montagem de cenas curtas adaptadas de contos do matemático Malba Tahan e do escritor Antônio Alcântara Machado, apresentadas também nos eventos citados anteriormente.

Destacamos que todas estas montagens foram realizadas no palco do auditório Miguel Ramalho, que possui 120 cadeiras, e que o acesso do público foi bastante intenso, tendo ocorrido inclusive a necessidade de realizarmos mais de uma sessão para atender à demanda de público.

Em 1998 seguimos a trilha dos anos anteriores, desta feita com mais experiência, mais conhecimentos das possibilidades de cada um e também com um gostinho de saudade, já que quase todo o Grupo se despedia da então Escola Técnica Federal de Campos, mediante a conclusão de seus cursos. Conseguimos, talvez até por este motivo, construir dois belíssimos trabalhos: para nossa já assídua plateia infantil - Maria Minhoca - de Maria Clara Machado, texto encantador que trata do amor reprimido, retratando bem o clima vivido no período da ditadura militar, que ocorrera durante vinte anos neste país. Como amostra do amadurecimento do grupo, trabalhamos o tema - morte -, utilizando como eixo a canção de Gilberto Gil - Domingo no Parque -, nome da então peça elaborada por mim a partir de poemas de diversos autores de épocas diferentes, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Álvares de Azevedo, Antônio Roberto Fernandes, Luís Delfino, Paulinho da Viola e da peça Máscaras de Menotti del Picchia. Ambas foram encenadas na Semana do Saber/Fazer/Saber e houve a presença maciça de alunos, professores e visitantes na plateia do novo auditório, o Cristina Bastos, com 250 lugares totalmente ocupados pela plateia, que foram agraciados com momentos de rara beleza. Na montagem de Maria Minhoca, o encantamento se deu por meio dos cenários e figurinos e, na de Domingo no Parque, pela reunião da arte de representar, com a de cantar, com a participação do coral, e com a de dançar, com

coreografias do grupo de dança, ambos criados neste ano na instituição. Foi um espetáculo de integração, magia, amizade e afeto. Esta peça completaria o primeiro ciclo do Grupo.

Mas nem tudo foi só de enlevo, encantamento e apoio. Há muitos registros em minha memória de atitudes de incompreensão de alguns servidores da instituição, de sentimento de desamparo em muitas outras situações, mas isso nunca me distanciou dos objetivos que traçara para os estudantes. Houve, por exemplo, o enfrentamento de preconceito de uma mãe que, por desconhecimento de que o Teatro é uma área de conhecimento tão importante quanto às demais da matriz curricular e de que fazer teatro é uma excelente opção para a formação humanística de seus filhos, me disse que não queria o convívio de seu filho com homossexuais – querendo dizer com isso que no teatro este contato seria inevitável - e que eu iria desencaminhar seu filho. Tenho que declarar que aquela atitude me chocou e foi inesperada pra mim, era recém-admitida no quadro de professores da escola e fiquei insegura. Cheguei a me questionar sobre o que eu estaria realmente fazendo àquele menino e a seus colegas. Mesmo insegura, conversei com ela sobre meus propósitos, e seu filho permaneceu no Grupo, apesar de a mãe não gostar muito. Com o passar do tempo, ela foi mudando sua postura com relação a isso. Ele ficou até o último ano de seu curso como componente atuante do Grupo. Esse caso foi um aprendizado para mim, pois percebi que eu tinha que conquistar também a família por meio de argumentos e de trabalho cada vez mais consciente e fundamentado.

Segunda etapa do Grupo Nós do Teatro: renovação e criação da oficina de Linguagem Teatral

No ano de 1999, houve renovação quase integral do Grupo, mediante a conclusão dos cursos daqueles estudantes que compuseram a base da formação inicial. No entanto, o que parecia ser o fim deste projeto, ganhou novo fôlego e revigorou-se, pois foi a partir deste ano que oficinas de Artes substituíram as tradicionais aulas de Educação Artística utilizando a metodologia de atividades com a finalidade de possibilitar ao aluno o conhecimento, a fruição e a produção em arte. A partir desta mudança, o projeto que originou o Grupo Nós do Teatro, antes experimental e voluntário, se transforma em Oficina de Artes Cênicas e, mais adiante, de Linguagem Teatral, tornando-se um componente curricular do Ensino Médio e do Técnico integrado ao Médio, definindo as competências e habilidades a serem desenvolvidas. A base da oficina fora o projeto inicial, com a carga horária semanal de duas horas-aula, tanto para os estudantes matriculados no 1º ano quanto para os de qualquer outra ano e/ou

curso que desejassem participar do Grupo Nós do Teatro.

Nesta fase, iniciamos com outra peça autoral e coletiva, fizemos a montagem da peça - Noite Feliz 2: A Revelação -, continuação da que tinha sido encenada em 1996, a pedido dos componentes do Grupo. Ousei, em 2000, para realizar a montagem do grande dramaturgo Bertold Brecht - Aquele que diz sim, Aquele que diz não -, visto que esta possibilitou ao Grupo realizar um trabalho mais livre, pois buscamos construir juntos com os atores a nudez da composição cênica, sem a emoção que até então buscávamos e sem cenário para compor as cenas. No ano seguinte, realizamos a apresentação da peça juvenil - As Cartas não mentem jamais - que levou ao palco o texto da escritora Ana Maria Machado com muita leveza, alegria e colorido. Na ocasião, pudemos colher dos atores e atrizes que fizeram parte dessa montagem seus depoimentos traçando o perfil dos personagens que interpretavam naquela peça. Afirmara o estudante/ator Eli Carlos que não desistia dos seus sonhos, afirmando que o sonho é o alimento da alma e uma alma sem sonho é uma alma sem vida. Ele atuou representando dois personagens, o Mascate e o cigano, trabalhador e habilidoso Quincas. “Teatro é ser livre para ser o que quiser, ser tudo aquilo que a imaginação permitir [...]. Teatro é uma viagem, onde o passaporte é a imaginação”, comentou a estudante/atriz Luana Amorim, cujas personagens foram a esperta, desconfiada, religiosa e modesta Chiquinha e a cigana, atrevida, divertida, decidida e desconfiada Micaela; “Teatro para mim é, além de poder fazer vários personagens, viver outras vidas. Teatro é poder aprender com cada um dos personagens que faço e que acabam virando um pouco de mim”, estas foram as palavras da estudante/atriz Liana Macabu, que representou as personagens Nenzita, moradora da vila que procura um grande amor, romântica e ingênua, e a cigana Rosália, meiga e um pouco tímida. O estudante/ator Luís Gustavo Campos, que interpretou o personagem Nino, rapaz violeiro e sonhador, disse que o teatro nos faz refletir, viajar, pensar, criticar, satirizar tudo o que acontece no mundo e também nos faz expressar melhor. Ele complementa: “teatro é uma ciência magnífica!”; o estudante/ator Fabiano Oliveira, também representou dois personagens: Delegado, um homem hipocondríaco, perfeccionista e subserviente e Tonho, cigano tranquilo, sensato, detalhista e poeta. Ele resumiu o que é ser ator dizendo que é rir, chorar e amar.

Na ocasião, também recolhi depoimentos de todos os estudantes que fizeram parte da equipe técnica a respeito da importância do teatro em suas vidas e obtive deles depoimentos tais como o de Tatiana Campos que disse que “o teatro é o caminho ideal para ativar ideias que ficam adormecidas pela movimentação da vida”. E acrescentou que “o teatro é essencial para delinear a personalidade de cada

um, pois com a representação é possível liberar todos os lados de uma pessoa”. O estudante Sérgio Luzitano afirmou que considera “o teatro uma forma de viver momentaneamente uma vida figurada, saindo da realidade para ter compromisso com os personagens que interpretam a vida de maneira real e imaginária ao mesmo tempo”. E ele afirma que é “com todo este trabalho, estudamos, pesquisamos e aprendemos. Teatro é cultura”. Bruno Caldas disse que “o grande desafio de teatro é transformar um texto literário em texto corporal, onde o ator é uma peça fundamental, pois só ele tem a arte da releitura, a arte de ler o que está escrito por trás da palavra”. A estudante Manoella Marques afirmou que “teatro para ela é poder sair da realidade e ao mesmo tempo vivê-la e também que é poder transmitir sentimentos através de gestos e palavras”. Ela conclui dizendo que “teatro é simplesmente Arte”.

Fiz questão de citar cada um desses depoimentos no intuito de configurar o quanto de aprendizado estes estudantes que fizeram (dois deles ainda fazem) parte do Grupo Nós do Teatro já demonstravam. Ao entenderem o teatro não como um instrumento de aprendizado de outros conhecimentos, mas como uma área de conhecimento em si mesma, como Arte e como Cultura.

Volto a relatar de forma cronológica a produção cênica do Grupo. Considerando as habilidades e os procedimentos definidos para o trabalho no ano de 2002 com os estudantes do 1º ano do Ensino Médio, voltados para a construção do conhecimento deles a partir das aulas desenvolvidas por mim nas Oficinas de Artes Cênicas. Criei o Projeto Nós do Teatro em ação com o intuito de apresentar à comunidade interna do CEFET Campos as peças: Quem Casa Quer Casa, de Martins Pena; Frutos de um Grito, criação de minha autoria, cujos comentários são realizados abaixo, e outra construção textual que elaborei a partir da biografia e dos textos narrativos e poéticos do poeta Carlos Drummond de Andrade, denominada Drummond – um jovem eterno, ano do centenário de seu nascimento.

Em meio às comemorações pelos oitenta anos da Semana de Arte Moderna, em 2002, o Grupo Nós do Teatro apresentou a peça – Frutos de um Grito -, texto elaborado por mim a partir de minhas leituras e releituras de textos da Semana e do movimento da Tropicália. Para dar vida às cenas utilizei uma coletânea de textos de autores modernistas da 1ª fase e de outros das décadas de 1970 a 2000. Na trilha sonora, Trenzinho Caipira, de Villa Lobos; Alegria, Alegria, Domingo no Parque e Tropicália de Gilberto Gil; Podres Poderes de Caetano Veloso e outras canções foram objeto de composições cênicas. Foram rememorados momentos cruciais da história mais recente do País, a partir da canção Pra não dizer que não falei de flores, de Geraldo Vandré. Os textos selecionados

foram dos poetas modernistas: Paulo Leminsky, Flora Figueiredo, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ferreira Gullar, Menotti Del Picchia, Caetano Veloso e Gilberto Gil e outros textos escritos por mim.

Por ocasião do dia Internacional da Mulher, dedicado a ela devido a tantas lutas que trava pela liberdade de ser mulher, oferecemos às mulheres cefetianas a montagem de um texto que demonstra as peripécias de ser mulher no mundo atual. Chamamos esta peça de Mulheres por mulheres e também a representamos no Festival de Esquetes no vizinho município de São João da Barra, onde fomos premiados inclusive com o prêmio de melhor texto, que elaborei inspirada nos textos do livro Agenda Poética, de Telma Guimarães Castro Andrade e na peça teatral Cécegas, de Heloísa Perissé, contudo este texto já havia sido apresentado na Jornada de Arte e Cultura que realizamos no final do ano de 2003, junto com as montagens cênicas de três peças infantis, No País dos Prequetés, de Ana Maria Machado, Charalina, desta vez apresentada por outros componentes do Grupo, e a peça clássica de Maria Clara Machado, Pluft, o Fantasminha. Saliento que estas foram nossas últimas encenações infantis, pois a partir desse ano o Grupo definiu que não mais iríamos nos dedicar a este público para que pudéssemos nos aprimorar em atender a um público mais adulto, atendendo ao perfil dos componentes do Grupo e ampliando as possibilidades de pesquisa cênica e da dramaturgia à disposição para um trabalho ainda melhor na arte dramática.

Aprendizagem potencializada: participação do Grupo em eventos locais, regionais e nacionais

Em 2003, ainda, o Grupo foi selecionado para o festival intitulado Criação Teatral Volkswagen, realizado somente neste ano, cujo curador foi o famoso ator, diretor e dramaturgo Antônio Abujamra, responsável também pela adaptação da peça do teatro de absurdo - A cantora Careca - do autor Eugène Ionesco fornecida a todos os grupos selecionados para que o representassem em apenas dez minutos com cenário e iluminação básicos. Este trabalho nos despendeu muitas horas de dedicação e aprendizado e o Grupo Nós do Teatro foi à cidade do Rio de Janeiro se apresentar no Teatro Antônio Fagundes, na Barra da Tijuca, como o único representante do interior do Estado do Rio de Janeiro, que tinha apenas mais uma representação do Estado, além de grupos de Minas Gerais e de Brasília. Este evento foi nacional e nós não fomos escolhidos para a fase final que ocorreu em São Paulo, no entanto tudo que vivenciamos naquela ocasião ainda hoje se reflete em nosso trabalho.

Realizamos em 2004, junto com o coral do CEFET Campos o CEFETs/cendo, um espetáculo lítero musical em homenagem aos 95 anos da

instituição, além da montagem de um ato da peça de Alexandre Dumas, a *Dama das Camélias*, que foi também filmada e transmitida em canal fechada da TV Universitária de Campos, além de ter sido encenada para os professores do Encontro nacional de professores de Letras e Artes – ENLETRARTE – evento promovido pela instituição. Assim como o que ocorreu com a peça que elaborei a partir das adaptações que fiz de doze peças de dramaturgos clássicos e modernos de diversos países, como o Ibsen, Molière, Nelson Rodrigues, Artur Azevedo, entre outros, e que foi denominada de: *Será que te conheço?*

Em 2005, ano em que se comemorou o Ano Mundial da Física devido aos cem anos da Lei da relatividade, elaboramos junto com o professor de física um projeto que foi aprovado pela SBF – Sociedade Brasileira de Física – e realizamos em escolas de outros municípios a montagem de trechos da peça de Bertold Brecht, a *Vida de Galileu*. Continuando na linha de associarmos a Ciência à Arte, fizemos a montagem da peça de Walmir Ayala, *Os Netos de Deus*, que foi uma das mais difíceis peças de todo nosso repertório. O público que a assistiu terminava em total impacto diante da movimentação cênica, do texto e da atuação dos atores.

Os anos de 2006/07/08 foram de intensa relação do Grupo com a pesquisa cênica e trabalhei com a escrita dos textos que acabaram por gerar as montagens das peças: *Verso e Reverso*, musical que associou a própria história do grupo a canções da Música popular brasileira de todos os tempos e foi amplamente encenada em diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro, eventos e festivais; *Estoriando Histórias*, pautada em fatos reais da vida do município de Campos dos Goytacazes e de seus personagens reais e fictícios, como o Ururau da Lapa – um jacaré de papo amarelo que vive nas águas do Rio Paraíba do Sul, na curva da Lapa nesta cidade –, num resgate da identidade cultural do município, encenada, a convite, para o seletivo grupo de escritores da Academia Campista de Letras e em outros eventos da instituição, e a peça - *O Presente conta o Passado* - texto comemorativo pelos 100 anos da instituição que levou ao palco uma parte da vida, da infância pobre no interior de Campos dos Goytacazes até o período em que, como presidente retorna a sua cidade o presidente da República Nilo Peçanha, criador das Escolas de Aprendizes Artífices.

Apoiado pela instituição, o Grupo realiza viagens culturais e para apresentações. Participou de festivais, como o Criação Teatral Volkswagen na cidade do Rio de Janeiro (2003), Festivais de Esquetes do SESC Campos/RJ (2008-2011), Festivais de Esquetes de Verão de São João da Barra/RJ (2008-2010), IV Festival Nacional de Teatro de Rio das Ostras/RJ (2008), Festival de Esquetes de Araruama/RJ (2005), Festival de Teatro Infantil em Rio Bonito/RJ (2009), Festivais

Estudantis de Teatro de Campos/RJ (2009/2011) e Festival Aberto de Teatro de Campos dos Goytacazes (2011), nos quais obtive mais de dez prêmios nas diversas modalidades.

Relatei na primeira sessão desse capítulo haver sempre alguns percalços nessa tarefa de praticar teatro como conhecimento em sala de aula. Como já citei anteriormente, desde 2000 trabalhamos a cadeira de Artes na instituição no formato de oficinas de linguagens artísticas, que são oferecidas no início do ano letivo para escolha do discente que ingressa no Ensino Técnico integrado ao Médio. Trabalho com a oficina de linguagem teatral, atividade curricular, portanto obrigatória para o educando, contudo o que observo com relação à atitude de seus pais é outro tipo de preconceito, o de que se seu filho está tendo dificuldades em alguma disciplina, a culpa é do teatro e, com este pensamento, exige que ele saia do teatro, mesmo se estiver cursando a oficina de linguagem teatral, disciplina curricular. Quando sinto que há uma possibilidade deles reavaliarem essa decisão, faço contato, argumento, mas quando o próprio estudante aceita a imposição dos pais, não tenho mais como interferir no caso. Vivi situação semelhante quando uma aluna, pesquisadora e intérprete da vida da heroína campista Benta Pereira, e uma das autoras da peça - *Estoriando Histórias* –, realizada em 2007, começou a fazer outro curso. Ela participava do Grupo Nós do Teatro e sua família determinou que ela parasse de fazer teatro e, apesar de demonstrar o desejo de permanecer, acatou a determinação familiar. Assim como aconteceu com esta estudante, outras tantas situações de desistência por este motivo ocorreram, pretendo, no entanto, fazer este registro de que casos de incompreensão familiar ainda são corriqueiras e isto acaba por guiar nossa atenção para a conquista e sedução necessárias da família do discente.

Darei por encerrado este relato cronológico do Grupo Nós do Teatro a partir do momento em que a instituição é transformada em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, merecedor de outro trabalho a ser escrito especialmente para tratar deste tema, com uma análise dos objetivos pedagógicos traçados na época de sua criação e ao que ele se torna a partir do momento da transição de institucionalidade, ocorrido em 2008, de CEFET Campos para o maior campus do IF Fluminense. Fato que merece uma reflexão dos novos rumos que estão sendo trilhados por todos os envolvidos na construção do conhecimento dos atuais e dos futuros estudantes desta instituição. Mas, antes de finalizar, considero importante fazer o registro, mesmo que resumidamente, da atuação do Grupo Nós do Teatro na Extensão institucional.

O Grupo Nós do Teatro e sua relação com a extensão

Em 2004, realizei uma alteração significativa para o desenvolvimento do Grupo Nós do Teatro, e passamos a elaborar trabalhos vinculados à Extensão da instituição, possibilitando que integrantes do grupo aplicassem seus conhecimentos na área artístico-cultural extramuros também. Em 2010, o programa passou a ser institucional, no sentido mais amplo, pois foi reconhecido como um programa que aplica os conhecimentos não só da Extensão, mas também da Pesquisa e do Ensino.

A partir do Grupo, criei três projetos, ocorridos com o apoio de bolsistas, componentes do Grupo ou das oficinas de teatro e as montagens foram apresentadas em comunidades, em escolas, em centros culturais e teatros. Associados ao Programa Grupo Nós do Teatro estão: na área de leitura, o Projeto Leitura orientada: uma prática comunitária – PROLEITOR (de 2006 a 2010); na de comunicação e uso das tecnologias por meio da arte teatral, - Radionovela na web: a tecnologia a serviço da arte - (de 2007 a 2009) e, na área de produção cultural, - Pensando e produzindo a cultura no IFF - (de 2011 até os dias atuais). Este é gerador de eventos perpassados de ampliação de conhecimentos e trocas de saberes e fazeres de artistas com o Grupo e com os demais artistas e participantes dos eventos. A partir da realização de três edições do Festival Nacional de Esquetes do IFF - FESQUIFF – em 2009, 2012 e 2014, com montagens de cenas curtas e oficinas teatrais ministradas por pessoas e grupos de notório saber teatral para o público interno e externo; ENTRENÓS em 2011 – Encontro de Teatro do Grupo Nós do Teatro, realizado com grupos locais, e produzimos a participação do Grupo no II Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica em Florianópolis/SC em 2012 com a montagem da peça Entrelaces, adaptação do conto de mesmo nome da autora chilena Carola Saavedra.

Os projetos extensionistas desenvolvidos ao longo desse período tiveram momentos de efetivo êxito quanto mais apoio institucional se fez presente, no entanto o oposto não ocorreu mesmo quando o apoio arrefeceu. Em casos como a manutenção do Grupo Nós do Teatro, nenhum obstáculo se interpôs diante de nosso propósito firme de manter vivo o teatro no IF Fluminense – Campus Campos Centro. Contudo, os projetos mais extensionistas, como o da radionovela na web, que dependia de outros parceiros internamente e de material a ser disponibilizado, e o do PROLEITOR, que, precisava de manutenção do ônibus para levar a biblioteca itinerante até as escolas e comunidades, não ocorreram. Por isso ambos foram suspensos.

Destaco, no entanto, que todos os projetos envolveram um quantitativo significativo de pessoas. O PROLEITOR contou com a participação de treze monitores no atendimento à vinte e oito

escolas públicas de Campos dos Goytacazes, atendendo a uma média de trezentos estudantes por escola, além de alguns professores e diretores que fizeram parte do projeto; no projeto da radionovela na web rádio, houve o envolvimento de dois técnicos administrativos, dois professores, três bolsistas e dez componentes do Grupo Nós do Teatro.

Em andamento - Pensando e produzindo Cultura - tem envolvido todo o Grupo, além de bolsistas de Arte e Cultura. O Programa Nós do Teatro envolve profissionais que prestam serviços na área técnica do teatro: marceneiros, pintores, designers gráficos e outros profissionais da própria instituição. Embora este e os projetos de leitura e de radionovela tenham tido por base a arte teatral como instrumento do processo ensino-aprendizagem de leitura e literatura, no decorrer dos estudos e das atividades realizadas foram se transformando e todas as atividades por mim desenvolvidas na instituição passaram a ter a visão da Arte como área de conhecimento, evidência da importância fundante da Arte e da Cultura no meio acadêmico e não simplesmente como instrumento de educação ou apêndice dentro da atividade escolar, como ainda se observa em diversas unidades escolares.

CONCLUSÃO

Dentro deste projeto que pensa e produz a cultura no campus, estamos elaborando, para 2015, a programação comemorativa dos 20 anos do Grupo, associada à inauguração do Centro de Artes do Campus Campos Centro, espaço especial para as práticas artísticas, especialmente do teatro, em obras no momento, e também ao grande sonho que será realizado de implantarmos o curso de Licenciatura em Teatro no segundo semestre de 2015 no campus. Como Coordenadora de Arte e Cultura, estou coordenando a comissão que elabora o projeto político pedagógico do curso e sinto que todas as ações que eu e todos os componentes do Grupo construímos ao longo destes quase 20 anos passam a ter o merecido reconhecimento institucional.

Realizadas mais de 40 montagens de peças e esquetes, contando com a participação de aproximadamente trezentos jovens que se uniram para celebrar a arte e a ciência; o sonho e a realidade; o encantamento e a decepção; a miséria e a honestidade; o encontro e a despedida; enfim, a vida. Cada um se tornou um nó do Grupo Nós do Teatro e isto me remete a uma breve consideração de que existe, no trabalho que desenvolvo no IF Fluminense - Campos dos Goytacazes - Centro, um compromisso ético com a emancipação das pessoas, contribuindo para o crescimento e a realização de estudantes, servidores e comunidade voltada para uma educação humanística.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. (2005). *Educação para os sentidos e mais...* 1ª edição. Campinas, SP: Verus Editora.

BRASIL (1999). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Brasília.

NASSAR, S. P. (1994). *O professor-ator ou o jogo da sedução na relação professor-aluno*. Diadorim Editora Ltda, Rio de Janeiro.

SOARES, K. (2012). *Um Olhar particular sobre a Arte e a Cultura no IF Fluminense*. Revista Vértices. Campos dos Goytacazes/RJ v. 14 n. Especial, pp.279-297.

¹ Professora do Instituto Federal Fluminense, de Campos dos Goytacazes- RJ e mestranda em Planejamento Regional e Gestão de Cidades, pela universidade Cândido Mendes.

² Disponível em www.iff.edu.br

³ Disponível em www.ibge.gov.br

⁴ Disponível em www.iff.edu.br

⁵ Disponível em www.ibge.gov.br